

**JULIA LOPES DE ALMEIDA:
O LUGAR DA MULHER NA LITERATURA BRASILEIRA
NA VIRADA ENTRE OS SÉCULOS XIX E XX**

Paula Rúbia Oliveira do Vale Alves (UEFS)
paularubia@uol.com.br

Leonora de Luca, no artigo “O feminismo possível” de *Júlia Lopes de Almeida*, considera que, embora Júlia Lopes de Almeida tenha sido considerada como a mais importante mulher-escritora do Brasil, na virada do século XIX para o século XX, esse enaltecimento contrasta com o esquecimento posterior da crítica contemporânea.

Sabendo-se que nos períodos de transição, tanto os artistas como a produção artística, estão geralmente fadados ao esquecimento, alguns estudiosos dedicam suas pesquisas ao resgate da literatura típica dessas fases. Nesse mesmo movimento, produz-se esse trabalho sobre a autora Júlia Lopes de Almeida que, embora não tenha adquirido a qualidade de cânone, teve um lugar de grande destaque na literatura brasileira, que merece ser resgatado.

Segundo dados obtidos na atualização e introdução do romance *A Viúva Simões*, escrito em 1999 por Peggy Sharpe, professora e pesquisadora da literatura e cultura brasileira, o nome completo da autora é Júlia Valentina da Silveira Lopes de Almeida; ela nasceu no Rio de Janeiro, em 24 de setembro de 1862, filha de pai professor e médico que também escrevia crônicas para a republicana e liberal *Gazeta de Campinas*. Toda a família era ligada às artes: a mãe concertista, diplomada em piano, canto e composição; uma irmã era poetisa, outra pianista, e outra cantora lírica e declamadora. Desde muito cedo, Júlia Lopes de Almeida mostrou forte inclinação pelas letras e, embora no seu tempo de moça não fosse socialmente aceitável uma mulher dedicar-se à literatura, ela contou com o apoio da família e, em especial do pai que a incentivou, indicando-a para escrever uma matéria para a revista para a qual ele próprio escrevia. Conduzida pelas mãos do pai, ela estreou em sua carreira de escritora em 1881, escrevendo na *Gazeta de Campinas*. Em 1887, casou-se com um escritor português, à época diretor da revista *A Semana*, editada no Rio de Janeiro, para qual escreveu por muitos anos. Escreveu para várias revistas e jornais do Rio e de São Paulo como *A Semana*; *O País*, *Ilustração Brasileira*, *A Mensageira*, o influente *Jornal do Commercio* etc. Sua vasta produção literária se compõe de mais de 40 volumes incluindo ro-

mances, contos, literatura infantil, teatro, jornalismo, crônicas e obras didáticas. Escreveu seu último romance *A Casa Verde*, em 1932, em colaboração com o esposo, vindo a falecer dois anos depois no Rio de Janeiro.

Segundo Vieira (2011), em muitos artigos Júlia Almeida assinou com os pseudônimos “A. Julinto” ou “Ecila Worms”. A esse respeito cita o comentário de Darcy França Denófrío (*apud* VIEIRA, 2011, p. 2):

Fadada ao anonimato e ao silêncio, vivendo em reclusão, propriedade do pai e depois do marido, escrevendo às escondidas e mais tarde com sentimento de vergonha, a mulher assumiu, com frequência, pseudônimos masculinos ou tentou, de alguma forma, ocultar a sua identidade no discurso.

Ainda segundo Vieira (2011), este ocultamento de si demonstra o quanto a mulher esteve apartada do lugar de destaque na sociedade. Esta estratégia era usada para evitar que as escritoras e seus familiares se expusessem aos preconceitos vigentes e expressa a dificuldade da mulher em se afirmar no exercício de funções diferentes das atribuições domésticas. Apesar dessas adversidades, Almeida tornou-se uma profissional das letras, um campo de atuação monopolizado pelos homens, e sua postura diferenciada permitiu que ela, além de se projetar como escritora talentosa, também abrisse caminho para um espaço ao qual as mulheres brasileiras até então não tinham acesso. Conforme Norma Telles, Júlia Lopes Almeida “talvez tenha sido a única escritora do período a conseguir dinheiro com sua pena” (TELLES, 1997, p. 441).

Segundo Sharpe (1999), mais do que qualquer outra escritora do seu tempo, Júlia Lopes de Almeida recebeu o reconhecimento público e desempenhou um importante papel progressista, especialmente em relação à educação feminina e às transformações do papel da mulher burguesa na mentalidade da Primeira República. Devido à sua grande aceitação e popularidade, assumiu a cadeira de número 26 da Academia Carioca de Letras e se tornou a única escritora a atingir o *status* que poderia lhe conferir um lugar na Academia Brasileira de Letras. Também segundo Sharpe, infelizmente, foi impedida de sentar-se ao lado de seus pares masculinos e seu lugar foi cedido ao marido – o poeta português Filinto de Almeida: “Este lugar, de direito e de fato, seria seu, não fosse a Academia tão gênero-excludente”. (SHARPE, 1999, p. 1)

Num comentário crítico publicado em São Paulo pela revista *A Mensageira*, em 1899, a escritora portuguesa Guiomar Torrezão aduz que Júlia Lopes de Almeida “é, sem dúvida, a primeira escritora do seu país” (TORREZÃO, *apud* SHARPE, 1999, p. 2). Esse comentário tem

um significado especial numa época em que era raro ser escritora declaradamente assumida perante a sociedade, e ser leitora fazia parte apenas das expectativas da educação feminina da elite.

Vieira (2011) informa que em 1931, quando a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino promoveu o II Congresso Internacional Feminista, foi Júlia Lopes Almeida, considerada à época como a mulher de maior prestígio no meio cultural do país, quem proferiu o discurso de abertura. Era um momento especialmente significativo porque as mulheres se mobilizavam para obter o direito de voto, o que se concretizaria três anos depois. Dentre outras atitudes em prol dos direitos femininos, Almeida ainda subiria em palanques reivindicando a construção de creches.

A obra de Almeida conseguiu ultrapassar as fronteiras nacionais, chegando a alguns países hispano-americanos, europeus e, segundo Presciana Duarte de Almeida (*apud* SHARPE, 1999, p. 2), fundadora da revista *A Mensageira*, também aos Estados Unidos.

Sobre a revista *A Mensageira*, foi localizado um artigo intitulado “Revista *A Mensageira*: Alvorecer de uma Nova Era?” escrito por Rosana Cássia Kamita, no qual a autora destaca a importância desse veículo de comunicação para o movimento feminista no Brasil; informa que a revista circulou entre 1897 a 1900, em São Paulo; era destinada à produção literária feminina e também publicava artigos que defendiam a emancipação das mulheres, reivindicando principalmente uma educação de qualidade. Em suas páginas figuravam nomes como os da escritora Júlia Lopes de Almeida e de Guiomar Torrezão, escritora portuguesa e líder feminista. Nos artigos publicados costumava se destacava a preocupação com a posição das mulheres na sociedade e os preconceitos por elas enfrentados. O valor desse periódico ganha destaque se for avaliado o contexto no qual ele foi divulgado: a virada entre os séculos XIX e XX (KAMITA, 2004, p. 164)

A partir da segunda metade do século XIX as mudanças se acentuaram, os avanços tecnológicos aportavam no Brasil vindos da Europa, o que incitou o desenvolvimento de alguns centros urbanos. O panorama já poderia ser considerado mais favorável à educação formal das mulheres. Através desses pequenos progressos, uma parcela limitada da população tornou-se alfabetizada. Em relação à mulher ela deveria receber uma educação voltada à sua vida familiar, ou seja, não receberia instrução que a levasse à autonomia crítica, mas a ênfase recairia sobre sua formação moral.

Segundo Kamita (2004), inicialmente os textos eram fundamentados em argumentos que confirmavam o preconceito em relação à mulher: a educação feminina era defendida porque assim ela teria condições de exercer com maior competência seu papel de mãe e criar filhos que seriam melhores cidadãos. No entanto, em um segundo momento, os argumentos baseavam-se na necessidade de uma educação que permitisse à mulher participar do mercado de trabalho, ideal partilhado por muitas feministas da época, que consideravam esse o caminho para a autonomia feminina econômica e intelectual.

Voltando ao texto de Sharpe (1999), vê-se que Almeida demonstrava preocupação com duas instituições sociais e políticas proeminentes: a família e a recém-declarada República. Para ela, assim como para outros escritores contemporâneos, a exemplo José de Alencar e Machado de Assis, “[...] a educação adequada às mulheres estaria ligada ao bem-estar social da família e, por extensão, à bem-sucedida consolidação dos ideais republicanos”. (SHARPE, 1999, p. 10). Portanto, a desarmonia do lar era vista como resultado das inúmeras restrições impostas pela sociedade às mulheres que, por sua vez, limitavam-se ao ambiente doméstico e eram barradas no mercado de trabalho. Almeida compreendia que as novas cidadãs emancipadas, deveriam participar efetivamente da instauração dos ideais republicanos, e a família era o local apropriado para solidificar essas bases, deixando para trás os antigos valores, ultrapassados e prejudiciais à consolidação de uma nova nação.

Nesse contexto, segundo Sharpe, (1999, p. 8) Almeida

[...] acreditando serem as mulheres figuras centrais nesse quadro social, e percebendo o importante papel que deveriam desempenhar na cruzada feminina pela reforma educacional, social e política, fez da família o centro da sua obra, sua problemática, o núcleo do seu questionamento.

Dessa maneira, apesar da visão progressista para a época, Almeida soube usar a moderação como um traço significativo em sua produção literária, intenção que se manifesta num comentário feito em 1897, na revista *A Mensageira* (ALMEIDA, *apud* VIEIRA, 2011, p. 4):

Esta revista, [...] parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilita e as enriqueça [...]. Ensinará que, sendo o nosso, um povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a família, sem detrimento do trabalho do homem.

Ela associa a construção da identidade feminina ao desempenho dos papéis de mãe, esposa, administradora do lar; assim, a emancipação feminina nunca será pensada de forma dissociada do exercício da maternidade e desses papéis. Segundo ela, uma mulher não pode ser uma mãe perfeita, se for ignorante ou fútil. Assim, a maternidade representará, na obra de Júlia Almeida, a ponte de ligação entre a ordem estabelecida e os avanços em relação à condição feminina, especialmente em relação à educação das mulheres. Percebe-se ainda que, apesar do tom moderado, ela apresenta algumas ideias inovadoras referentes à profissionalização da mulher; antevendo no trabalho uma possibilidade desta se libertar da submissão.

Segundo Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti, no artigo intitulado “Debruçando-se na janela do tempo: cantos e encantos da história feminina brasileira (1870/1940)”, em um dos artigos publicados na revista *A Mensageira*, Almeida exaltava os ideais feministas, utilizando entonação irônica referente à imagem socialmente instituída da mulher à época (ALMEIDA, *apud* CAVALCANTI, 2001, p. 124):

Dizem que somos débeis (e chegam a convencer-nos) porque somos franzinas, ou porque somos pállidas, ou porque somos tristes! Não se lembram de que tudo isso é efeito de uma educação mal feita, – contra a qual devemos reagir a bem de nossos filhos –, passada no interior da casa, sem exercício, sem convivência, sem jogos, sem despreocupações de preconceitos, sem estudo bem ordenado, sem viagens, sem variedade, sem alegria enfim!

Assim, na opinião de Cavalcanti (2001), através da produção literária de Almeida pode-se captar fragmentos da inserção da mulher brasileira tanto na sociedade como na produção cultural e se aventar a contribuição da literatura para o ampliação das perspectivas de emancipação feminina, daquelas que eram até então aprisionadas a um modelo machista de conduta ideal.

Na mesma linha de pensamento, Luca (1999) comenta que desde os seus primeiros escritos, Almeida manifesta preocupação com a condição feminina, “opondo a frivolidade e a apatia das mulheres de classes abastadas frequentadoras dos salões à sobriedade e à atividade da mulher humilde, que trabalha para prover sua subsistência” (LUCA, 1999, p. 290) e denuncia a situação desalentadora da educação feminina à época, quando só se ministravam às meninas lições elementares, com ênfase no aprendizado dos afazeres domésticos, ao contrário do que acontecia com os meninos

A partir das considerações aqui suscitadas, passa-se agora a analisar brevemente os romances *A Família Medeiros* e *A Falência*, à luz do projeto ideológico da autora Júlia Lopes de Almeida de escrever para questionar os preconceitos contra as mulheres e reivindicar os seus direitos à profissionalização, pela via da educação.

Originalmente publicado em 1891, *A Família Medeiros* é o único romance propriamente romântico da escritora onde um estereotipado tratamento romântico dos personagens se apoiava numa objetiva descrição de paisagens e costumes. O romance descreve detalhadamente a cidade de Campinas, dos últimos anos do período imperial, alegorizando a sociedade brasileira da década de 1880, na qual a antiga estrutura agrária baseada na exploração do trabalho escravo começava a dar indícios de falência: o regime monárquico ameaçado pelo fortalecimento dos movimentos abolicionista e republicano. Ambientado nas vésperas da promulgação da Lei Áurea, o romance inicia com o retorno à fazenda cafeeira da família do jovem Otávio Medeiros, engenheiro recém-diplomado por uma universidade europeia. Para sua surpresa, na fazenda dos pais agora reside sua prima Eva, filha órfã de um irmão do fazendeiro. Eva é uma moça bonita, instruída e caridosa, de caráter independente, que chama atenção por seu modo de agir e de pensar, muito diferente da conduta passiva e submissa das outras mulheres da família. Por esses mesmos motivos, aos olhos do tio, escravocrata de ideias conservadoras, Eva representa uma ameaça não só pelo conteúdo abolicionista das suas ideias, mas também por que sua postura independente exerceria péssima influência sobre as irmãs de Otávio. Nesse sentido, Eva simboliza o nascimento de uma nova mulher, emancipada, em pleno exercício de suas potencialidades, o que coaduna com o desfecho inesperado da história, quando Eva renuncia à paixão despertada no primo e opta por casar-se com outro rapaz, com quem compartilha preferências de caráter intelectual.

Aqui se verifica o projeto pessoal de Júlia Almeida, na retratação de um novo modelo de conduta feminino, emancipado, pela via da cultura e da profissionalização. Ainda que seja ao preço de renunciar à paixão, Eva, numa alusão à transgressora bíblica, não cede da postura autônoma que deseja para si, optando por um marido (sim, mantém-se o respeito à instituição casamento) com quem compartilha preferências intelectuais. Criador e criatura, na vida pessoal de Almeida observa-se a importância que teve a escolha por de um marido que incentivava sua produção artística e não a tolhia nas suas atividades profissionais.

Já o romance *A Falência*, publicado em 1901 e considerado como a obra máxima de Almeida, narra uma história cujo caráter “escandaloso” não impediu sua disseminação. “A trama desenvolve-se no Rio de início dos anos 1890 e o sistemático desnudamento dos condicionantes da conduta dos personagens permitirá sua classificação como “romance naturalista”. (LUCA, 1999, p. 294)

Na trama narrada em *A Falência*, Francisco Teodoro é um comerciante rico que vive num palacete em companhia da esposa Camila, dos quatro filhos e de uma sobrinha da esposa; a ostentação rege o cotidiano da família. Um pobre emigrante português, Teodoro conquistou a duras penas riqueza e *status* social, passando da condição de humilde caixeiro a de um dos maiores comerciantes do ramo de café no Brasil. Embora criticasse aqueles que enriqueciam por meio da especulação, acaba investindo em transações de alto risco e perde toda sua fortuna. Sentindo-se humilhado e impotente, acaba por suicidar-se. Os familiares desamparados mudam-se para uma casa modesta, onde iniciam nova vida, de restrições e sacrifícios: a sobrinha torna-se costureira e a filha mais velha passa a dar aulas particulares, enquanto Camila assume a tarefa de alfabetizar as filhas menores.

O romance aborda, paralelamente à trama central, as condições que motivam o adultério de Camila, que traía Teodoro sem que ele percebesse. Devido à incapacidade de se relacionar com as pessoas sem intermediação monetária, Teodoro não conseguiu dar amor à sua esposa e também a traía. Sabendo-se enganada por ele, Camila julgava-se no direito de buscar afeto nos braços de outro, tornando-se amante de Gervásio, médico da família. Depois da morte de Teodoro, passa a repelir a condição de amante e a planejar uma união legal com o médico. Este, porém, confessa já ser casado e não se dispõe a consorciar-se com Camila; a decepção amorosa reacende o seu amor próprio levando-a a romper o relacionamento para dedicar-se com maior empenho à família.

Observa-se aqui o tratamento de isenção dispensado pela autora a assunto tão delicado para a época: em vez de julgar o comportamento de Camila, ela se propõe a analisar e tentar compreender os motivos que levaram Camila a tal conduta: o casamento arranjado, sem amor. Além disso, evidencia as contradições da sociedade pautada na existência de códigos diferenciados de conduta, na qual a manutenção de ligações extraconjugais por parte dos homens, era vista de modo condescendente enquanto que, quando adotada por uma mulher, era taxativamente reprovada.

No artigo “Manutenção das tradições ou quebra de paradigmas? A criação literária sob a ótica feminina na obra de Júlia Lopes de Almeida”, escrito por Viviane Arena Figueiredo em 2007, a autora supõe que tenha causado grande surpresa à sociedade da época, a constatação de que uma mulher casada e mãe de família, enquanto escritora tocasse num ponto tão delicado como a questão do adultério feminino. Considera que o sucesso do romance *A Falência* deve-se ao fato de Almeida não restringir a sua narração apenas ao problema da esposa adúltera, mas, principalmente, por destacar o casamento por conveniência como um aspecto incômodo na estrutura familiar da época. O respeito conquistado pela autora, enquanto ficcionista reconhecida e consagrada no meio literário, garantiu-lhe condições para que pudesse provocar o debate em torno de temas considerados tabus para a sociedade do seu tempo.

A partir das considerações levantadas, pensa-se que, efetivamente, Júlia Lopes de Almeida desempenhou importante papel na evolução das ideias feministas no Brasil, o que a caracteriza como uma mulher à frente de seu tempo, dado o caráter inovador presente nas suas ideias e atitudes, apesar do seu estilo mediador que se constituía como condição necessária para conseguir minimizar as tensões existentes entre sua vida pessoal e sua atividade artística no contexto no qual vivia. Uma mulher escritora que nasceu numa época específica e escreveu sobre as questões femininas, mantendo firme o propósito de defender os direitos das mulheres, inclusive e principalmente, o de se escolarizarem e de exercerem a atividade profissional que lhes aprouvesse; ainda que para isso, usasse o argumento aceitável socialmente, de que tais requisitos eram necessários para o bom desempenho das funções de mãe e esposa.

Através de seus escritos, buscou quebrar paradigmas vigentes na época, em relação às mulheres, dentro do quadro histórico-social específico no qual se inseria, contemporizando com as normas morais vigentes.

Embora, aos olhos da atualidade, suas preocupações com a redefinição do lugar da mulher na sociedade possam parecer-nos ultrapassadas e conformistas, foi graças às suas intervenções comedidas que a escritora teve acesso garantido à grande massa de leitores distribuídos pelos mais diferentes extratos sociais:

Propostas de cunho mais revolucionário iriam bani-la da grande imprensa, principal meio de comunicação de massa da época – condenando-a a permanecer confinada às páginas dos periódicos de circulação restrita e minúscula tiragem, como já ocorrera com sua antecessora Josefina Álvares de Azevedo. (LUCA, 1999, p. 299).

Assim, tem-se com Moreira (2005, p. 132) que Julia Lopes de Almeida “[...] prima pela acomodação dos valores de uma classe, construindo uma escritura que tentou divergir sem provocar o sistema, enfrentar o estabelecido sem desautorizá-lo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon. Debruçando-se na janela do tempo: cantos e encantos da história feminina brasileira (1870/1940). Valencia (Espanha). *Revista del Cesla*, n. 2, p. 120-128, 2001. Disponível em:

<http://www.cesla.uw.edu.pl/cesla/images/stories/wydawnictwo/czasopisma/Revista/Revista_2/120-128_Cavalcanti.pdf>.

FIGUEREDO, Viviane Arena. Manutenção das tradições ou quebra de paradigmas? A criação literária sob a ótica feminina na obra de Júlia Lopes de Almeida. In: *Revista Garrafa*, ed. 13, vol. II, abr-jun.2007. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/ciencialit/revista_garrafa13v2.html>. Acesso em: 25-01-2013.

KAMITA, Rosana Cássia. Revista “A Mensageira”: alvorecer de uma nova era? Londrina: *Estudos Feministas*, n. 12, set./dez.2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2004000300018&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 26-01-2013.

LUCA, Leonora de. O “feminismo possível” de Júlia Lopes de Almeida (1862-1934). *Cadernos Pagu*, n. 12, p. 275-299, 1999. Disponível em: <http://www.maismulheresnopoderbrasil.com.br/pdf/Sociedade/O_Feminismo_Possivel_de_Julia_Lopes_de_Almeida_1862_1934.pdf>. Acesso em: 20-01-2013.

MOREIRA, Nadilza M de Barros. Júlia Lopes de Almeida e o universo feminino, carioca e burguês em *Livro das Noivas*. João Pessoa. *Revista Ártemis*, n. 2, julho 2005, p. 130-135. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/download/2349/2083>>. Acesso em: 21-01-2013.

SHARPE, Peggy. Apresentação. In: ALMEIDA, Julia Lopes de. *A viúva Simões*. Atualização do texto e introdução por... Florianópolis: *Mulheres/Edunisc*, 1999. Disponível em:

<<http://www.editoramulheres.com.br/livro16.html>>. Acesso em 26 jan. 2013.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del. *História das mulheres no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1997, p. 441-442.

VIEIRA, Marly Jean de Araújo. A literatura feminista de Júlia Lopes de Almeida. *Anais do XIV Seminário Nacional Mulher e Literatura/V Seminário Internacional Mulher e Literatura*. Disponível em: <http://www.telunb.com.br/mulhereliteratura/anais/wp-content/uploads/2012/01/marly_jean_araujo.pdf>. Acesso em: 26-01-2013.